



Grupo de Trabalho: Experiências em Programas de Formação Docente

CINEMA NEGRO: PROJETAR NO QUADRO UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Júlia Karen Almeida Simão¹
Universidade Regional do Cariri

Adriana Maria Simião da Silva²
Universidade Regional do Cariri

Francisca Érika Barros Gonçalves de Souza³
Rede Estadual de Ensino

RESUMO

Este trabalho traz para debate a importância de praticar uma educação que seja antirracista pensando na construção de uma escola multicultural. A partir do Programa de Residência Pedagógica, sobprojeto de Sociologia, elaboramos propostas da prática pedagógica antirracista na escola-campo E.E.M.TI Prefeito Raimundo Coelho Bezerra de Farias, na disciplina eletiva Educação, Cinema e Negritude. Nossa abordagem foi através da utilização do Cinema Negro. O cinema negro potencializa a transformação de uma realidade audiovisual impregnada de estereótipos sociais e falta de protagonismo negro nas telinhas. Tem a capacidade de ampliar a empatia entre diferentes grupos raciais e oferecer modelos inspiradores, tanto para jovens e crianças, quanto para os adultos que estão vendo depois de muito tempo, presenças de total importância nas narrativas cinematográficas. Essas atividades pedagógicas foram importantes para o aprendizado de práticas de ensino antirracistas, o que implicou significativamente no processo de formação docente.

Palavras-chave: Educação Antirracista. Cinema Negro. Multiculturalismo. Residência Pedagógica.

1. INTRODUÇÃO

Há um século foi gestado um modelo de ensino público que tornava a educação inclusiva e acessível para a população brasileira com o impulso da fundação da Associação Brasileira de Educação (ABA). De lá para cá, nossa educação passou por diversas reformas e resistiu a períodos nebulosos

¹ Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Bolsista do Programa Residência Pedagógica (CAPES/URCA). Email: julia.simao@urca.br.

² Doutora em Educação (UFC), professora associada da URCA, curso de licenciatura em Ciências Sociais, Docente Orientadora do Subprojeto da Residência Pedagógica em Sociologia. Email: adriana.simiao@urca.br.

³ Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Especialização no Ensino de Filosofia (UFC). Preceptora do Subprojeto de Sociologia do Programa Residência Pedagógica (CAPES/URCA). Email: prof.erikabarros@gmail.com.



como a Ditadura Militar. O espaço escolar é um campo de existências plurais e uma das principais instituições sociais de construção do sujeito, é lá onde nossas primeiras relações são estabelecidas.

Contudo, por muito tempo abraçamos uma educação tida como universal que na prática mantinha apagadas as lutas e conhecimentos de povos que foram necessários para a construção do nosso país: os povos originários e africanos. Nos últimos anos vem se tomando forma um levante da chamada Educação Antirracista, uma forma de ensinar e trocar saberes que ultrapassem o apagamento das contribuições históricas e culturais destes povos.

A lei 10.639 implantada há duas décadas assegura institucionalmente o ensino da cultura negra, africana e originária, no entanto, ainda há uma notável ausência de contribuições intelectuais de pessoas negras no material didático proposto para as escolas. O debate racial acaba ficando restrito ao Dia da Consciência Negra, como se as incontáveis contribuições dos povos africanos e negros coubessem somente numa data celebrativa.

A educação não é um campo neutro e tampouco dá lugar apenas à ciência, é também um espaço de violência estruturada a partir de fenômenos históricos e sociais (KILOMBA, 2019). O processo de ensino-aprendizagem é político. Trazendo Paulo Freire para a discussão, ressaltamos que “toda neutralidade é uma opção escondida”, quando um educador opta por apresentar apenas obras escritas por homens brancos, está tomando uma decisão política.

Então, o professor precisa compreender sua função social para que seja possível a promoção de uma educação digna para todas as pessoas. Não reconhecer e afirmar as subjetividades dos estudantes, é exercer uma educação limitada e não inclusiva. A escola precisa ser um lugar que acolha a diversidade. Portanto, a prática pedagógica precisa passar por um processo de autoatualização, como diria bell hooks, é para ser revista e repensada continuamente.

Dito isto, de que forma a Educação Antirracista pode ser inserida no calendário escolar de maneira que a educação possa ser sobretudo multicultural? O relato deste trabalho é a respeito da prática docente na Residência Pedagógica em Sociologia utilizando o Cinema Negro enquanto uma estratégia de ensino e aprendizagem. O Cinema Negro é um processo agregador contra-colonial empreendido por pessoas negras nas artes e pode ser também compreendido como instrumento de aquilombamento (COSTA, 2020).

2. RELATO DE EXPERIÊNCIA

Os filmes têm a capacidade de mexer com o imaginário social, e, também, podem servir para o reforço de imagens, levando a um abalo da tradição. Podem manipular opiniões sendo capazes de trazer modificações no comportamento e em atuações coletivas, na solidariedade entre os povos (NASCIMENTO, 2018). É a ideia que um corpo-ficção tome o lugar central nas narrativas audiovisuais para reinventar a identidade negra no cinema.

É através da tela projetada no quadro branco que se apresenta um espaço de identificação e de memória a partir das presenças desses corpos-ficção na reprodução de imagens e representações nos filmes escolhidos para as exibições. Estes filmes trazem para perto imagens e narrativas de uma população invisibilizada de nosso imaginário, de nosso sistema de referências, de nossos horizontes, de expectativas enquanto construção de subjetividades, de corpos e protagonistas diferentes do que vemos em geral nos sistemas de representação carregados de valores estéticos ocidentais.

A Escola de Ensino Médio em Tempo Integral (E.E.M.TI.) Prefeito Raimundo Coelho Bezerra de Farias, conhecida popularmente por Liceu do Crato é rica em cores e foi a nossa escola-campo. Foram nas aulas da disciplina eletiva com o tema Educação, Cinema e Negritude que



conseguimos exercer na prática uma proposta de educação antirracista através do diálogo sobre a imagem e o audiovisual relacionadas com questões raciais e vivências dos estudantes participantes.

A disciplina eletiva é um componente curricular que envolve diferentes habilidades e pressupõem a diversificação de situações didáticas, pois visa aprofundar, enriquecer e ampliar o repertório dos estudantes sobre um ou mais componentes curriculares e/ou área de conhecimento do Currículo. A eletiva em questão foi escolhida a partir do catálogo disponibilizado pela SEDUC CE. Ela faz parte do currículo do Novo Ensino Médio que se estrutura com as disciplinas da base comum e as disciplinas eletivas.

Os filmes foram exibidos nas terças-feiras nas 8º e 9º aulas, contou com a participação dos estudantes dos 1º, 2º e 3º anos, por tratar-se de uma eletiva mista. Os filmes inicialmente vinham de uma curadoria dos residentes que conduziam a eletiva, e depois, os próprios estudantes foram envolvidos a escolher produções dentro da temática. Após assistir, partíamos para uma conversação e trocas de experiências, e as atividades eram compartilhadas, sejam escritas ou de forma artística.

Entre os filmes estavam obras como “Corra!” (2017), “Pantera Negra” (2018), Kiriku e a Feiticeira (1998), entre outros, de gêneros variados, na busca de protagonismo no terror, ação, animação e comédia, para além de situações em que a personagem negra é coadjuvante ou está na história para ilustrar somente uma época histórica em que para essas pessoas era negada dignidade.

Há uma diferença significativa entre o primeiro dia da eletiva, onde olhos curiosos nos seguiam e se abriam para a tela, com diversas perguntas, e o último dia, quando percepções foram sendo desconstruídas e deram vazão a novos aspectos, linguagens e histórias. Experimentamos documentar as aulas em diários e o resultado foram páginas preenchidas de imagens negras, artes e reflexões.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como a intelectual Angela Davis afirmou, não basta não ser racista, é necessário ser antirracista, e não é mais suficiente estar em sala de aula e dizer não ser racista, é importante mover-se, acreditar e exercer uma pedagogia engajada, pois segundo bell hooks, a escola não deve ser simplesmente um lugar de capacitação dos estudantes, e sim, um lugar de crescimento também para o educador, que vai sendo capacitado por esse processo.

No nosso país, historicamente, o racismo está presente no cotidiano, na linguagem, na música, nos livros, na televisão e até nos livros didáticos. Portanto, se nós, professores, não pensarmos em alternativas que ultrapassem os estereótipos preconceituosos e violentos destinados as pessoas negras, dificilmente mudanças significativas acontecerão.

Se faz necessário experimentar diferentes didáticas, colocar em prática uma educação multicultural e dar enfoque a intelectuais que debatam as questões de raça. A educação precisa ser um processo de fluidez, onde o ensino é construído ativamente por educadores e estudantes. Ela tem potência de ser tanto lúdica, quanto crítica e mobilizadora. Concluo com uma citação de bell hooks onde ela escreve:

O aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática de liberdade. (1994).



REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Rodrigo. **A história da educação no Brasil: uma longa jornada rumo à universalização**. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/a-historia-da-educacao-no-brasil-uma-longa-jornada-rumo-a-universalizacao-84npcihyra8yys2j8nnqn8d91/> . Acesso em: 12/03/2024.

COSTA, Tatiana Carvalho. QuilomboCinema: ficções, fabulações, fissuras. In: forumdoc.bh.2020: 24º Festival do filme documentário e etnográfico – fórum de antropologia e cinema. Belo Horizonte: Filmes de Quintal, 2020. p. 224-229 (Impresso); p. 226-231 (On-line).

FRANÇA, Natália Delamarte. **A necessidade de uma educação antirracista**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-necessidade-de-uma-educacao-antirracista/> . Acesso em: 12/03/2024.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**. Episódios de Racismo Cotidiano Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

NASCIMENTO, Maria Beatriz, 1942-1995. **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidade nos dias de destruição**. Maria Beatriz Nascimento. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018. 1ª Edição.